

## **A TRADIÇÃO COMO FANTASIA DE MERCADO: um estudo sobre a função da ideologia que orienta o consumo na Folia do Papangu<sup>1</sup>**

**DOI: 10.2436/20.8070.01.76**

**Rodrigo César Tavares Cavalcanti**

Mestre em administração pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: falepararodrigo@gmail.com

**André Luiz Maranhão de Souza Leão**

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Professor associado na Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

E-mail: aleao21@hotmail.com

**Resumo:** A Folia do Papangu é uma festa carnavalesca que movimenta a economia da pequena cidade de Bezerros, interior de Pernambuco. O evento oferece uma experiência por meio da tradição histórica da região. O fenômeno foi observado segundo a concepção de tradição inventada de Eric Hobsbawm e o conceito de fantasia ideológica de Slavoj Žižek por meio de uma análise do discurso foucaultiana. Foram utilizadas entrevistas etnográficas, fotografias, anotações de campo e documentos. Essa base teórica e metodológica permitiu entender a tradição do Papangu como fantasia ideológica a qual emerge da interação dos agentes envolvidos com o evento. Essa ideologia tem função organizativa, isto é, dá sentido e forma à gestão e fruição da festa.

**Palavras-chaves:** Tradição, Fantasia Ideológica, Carnaval.

### **1 INTRODUÇÃO**

Bezerros é uma pequena cidade com pouco mais de 50 mil habitantes localizada no interior de Pernambuco. É conhecida por ter como atração turística a Folia do Papangu, festa carnavalesca que já chegou a atrair mais de 300 mil pessoas (FOLIA DO PAPANGU, 2014). Esse Papangu a que se refere o título da festa é um personagem da cultura local caracterizado por pessoas fantasiadas dos pés à cabeça, incluindo máscaras.

Vários pesquisadores tentam dar conta de uma possível origem dos Papangus. Há registros deles desde o início do século XX na capital de Pernambuco (LÓSSIO; PEREIRA, 2008). Também há pistas de que os Papangus foram, em seu início, filhos livres e escravos em busca de diversão, datando então da época dos grandes engenhos pernambucanos (BRAYNER, 1997).

Atualmente a Folia do Papangu é uma grande festividade. Ela é composta de estrutura, horários e práticas delimitadas por órgãos governamentais nos moldes de programas nacionais de turismo, como o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (RAMOS; MACIEL, 2008, 2009; FOLIA DO PAPANGU, 2014).

Essas evidências apontam para o uso de um fenômeno sociocultural para fins recreativos, no caso, uma tradição local. Esse tipo de prática está consolidada globalmente e já foi estudada em festivais na Turquia (AKHOONDNEJAD, 2016), Mongólia (SCHOFIELD; THOMPSON, 2007) e Espanha (THIMM, 2014).

No caso de Bezerras, o uso de um acontecimento socio-histórico com finalidade turística deu início à problematização. Assim, duas frentes emergiram para a analisar o evento: de um lado, elementos histórico-culturais que apontam para uma tradição, e de outro, elementos mercadológicos que nos levam a uma esfera econômica.

Para discutir a ideia de tradição, adotou-se o conceito de Hobsbawm (1997) de tradição inventada, definida como práticas ritualísticas que tornam reais certos valores e normas por meio da repetição de atos sociais com relações históricas. A tradição não seria apenas um fruto da história, mas também da ação humana e suas aspirações ideológicas.

Restaria saber como essa tradição opera mesmo com as interferências institucionais que a mercantilizam. Nesse ponto, o entendimento do conceito que Slavoj Žižek (1996), chamado de fantasia ideológica, entra em cena. Para ele a ideologia é um posicionamento do sujeito diante dos vários discursos sociais com que se tem contato. A tradição seria assim ideológica, fruto de discursos que resultam em uma experiência conveniente para os foliões.

As noções de tradição inventada e fantasia ideológica abriram caminho para a complexa compreensão do fenômeno. Isso deu embasamento para traçar o **objetivo** da pesquisa: analisar como a tradição atribuída à Folia do Papangu foi utilizada para promover o festejo.

## 2 TRADIÇÃO INVENTADA

A ideia de cultura adotada não é romântica ou descritiva. Ela tem como foco as práticas e o potencial de mostrar seus consequentes desníveis e influências socioculturais (CANCLINI, 1983; MARTIN-BARBERO, 2003). Faz sentido então observar a relação entre economia e atividades culturais, seus jogos e forças (ORTIZ, 2008; YÚDICE, 2006) e a consequente reestruturação simbólica das estruturas materiais face a conjuntura social (CANCLINI, 1983).

Essa reestruturação simbólica se dá via mercantilização da cultura, suas tensões (LIGHT, 2007; ROLANDO, 2000; SANSONE, 2000) e conciliação de demandas sociais (ZAWILIŃSKA; MIKA, 2013; FROELICH, 2011). Essa dinâmica ofusca universos simbólicos, construídos por elementos culturais afim de realizar desejos de consumo (GROSSMAN, 2003; BOHME BATA, 2010). No caso da Folia dos Papangus, esse universo é construído por meio de uma tradição.

A tradição inventada toma forma quando são vistas práticas ritualísticas ou simbólicas sendo aceitas, tornando reais certos valores e normas por meio da repetição de atos sociais e que aja de maneira tal que traga alguma ligação com o passado (HOBSBAWM, 1997) de maneira persuasiva (BUDELMANN; HAUBOLD, 2008; HIBBERT; HUXMAN, 2014) porque cria uma experiência da realidade.

É esse movimento de repetição persuasiva do passado que recria uma narrativa histórica para ser utilizada como ferramenta mercadológica. Embora essa força seja questionada (DEWALL, 2013), ela está tão presente que não pode ser ignorada. Essa

complexa operação com a realidade pode ser melhor entendida através da teoria zizekiana da ideologia.

### 3 TEORIA DA IDEOLOGIA DE SLAVOJ ŽIŽEK

Slavoj Žižek, utiliza referências que vão desde a psicanálise até a filosofia idealista alemã e discute temas que permeiam ideologia, ética, política e subjetividade no mundo contemporâneo. No que diz respeito a psicanálise, ele usa diversos conceitos lacanianos como o simbólico - um sistema arbitrário de significados que existe antes mesmo do nascimento do sujeito e se mostra como ponto de referência diante do mundo (ŽIŽEK; DALY, 2004). Žižek também se debruça sobre Hegel e repensa a sua dialética de tal forma que permite pensa-la como uma síntese, nunca sendo final ou total. Ela é a própria realidade social subvertida pelo Real, uma série de antíteses que não permite o fechamento do que é a realidade tida como totalidade (BÖHM; DE COCK, 2005). Uma outra influência vem de Karl Marx e estrutura sua crítica ao capitalismo, seus rumos, pressupostos e mazelas (ŽIŽEK, 1996).

Žižek parte da ideia de que, para o sujeito, todas as coisas são designadas pela ideologia. Isso inclui a explicação de o que é o mundo até o que ele deveria ser (ŽIŽEK, 1996). A ideologia não está em um conjunto de normas nem em instituições. Ela está em práticas e em pressupostos nem sempre explícitos. É uma ficção simbólica fruto de uma pluralidade de universos discursivos (ŽIŽEK, 1996).

A construção da realidade ideológica existe na medida em que o sujeito se relaciona com o mundo e seus discursos. Esse mundo seria como um conjunto de regras implícitas com que se mede e se dialoga, um conceito chamado de o Grande Outro. O Real é simbolizado e se torna a realidade que, em contato com o Grande Outro, origina e dá os contornos dos desejos do sujeito além de tornar a realidade algo que permite a realização do que se deseja. Isso é a fantasia atuando, tornando a realidade ideológica propícia para o gozo (ŽIŽEK, 1996).

O gozo, por sua vez, é tido por Žižek (2006) como a satisfação em se executar um ritual. No entanto não se trata de uma satisfação qualquer, ela existe acompanhada de uma ordem para se realizar, é o imperativo do gozo que leva os sujeitos a estarem em uma busca constante pelo gozo. O gozo se relaciona com a fantasia, que torna a realidade algo atraente para a busca pelo gozo. Elas se relacionam e guiam os sujeitos nas suas ações.

A fantasia age no saber algo pelo que isso parece ser, sem passar pela percepção ou consciência. Assim, a realidade nada mais é do que uma produção fantasiosa, uma espécie de holograma que evita o nosso contato com os fatos em si, isto é, nos previne do Real. Entretanto, a fantasia não encobre a consciência, pelo contrário, é sabido que é uma farsa, mas é seguida mesmo assim, de maneira cínica (ŽIŽEK, 2010).

A dinâmica de construção da fantasia, baseada na teoria de Žižek, é explicada mais a fundo por Safatle (2003). Ela pode ser vista como uma objetividade fantasmática social. O desejo é estruturado pela fantasia para que o gozo seja alcançado. Dessa forma os sujeitos projetam a libido nos objetos empíricos, fogem da angústia e significados são criados.

A cultura também interfere na dinâmica da fantasia. Segundo Freud (1997), a cultura é um regulador das relações humanas. Poli (2004) afirma que, diante desse controle, duas respostas podem surgir: a neurose ou o perverso. Para que a pulsão sexual se realize, o perverso se realiza através da fantasia (VALLAS, 1990). É por meio da fantasia que se pode ter prazer mesmo com as limitações da realidade (ŽIŽEK, 2010).

Na cultura, essa perversão conseguida pela fantasia pode ser produzida pelo objeto-fetice (LACAN, 1997). Esse termo designa que o consumo das coisas não se dá por conseguir as coisas em si, mas pela sua “alma” (FONTENELLE, 2005) e pela sua relação com o que está ao seu redor (ŽIŽEK, 1996). Essa relação contextual pode ser entendida como, por exemplo, na relação rei e súdito: não há rei sem súdito, nem súdito sem rei, esses dois papéis se dão pela relação entre eles mesmos (ŽIŽEK, 1996). Essa alma é apenas aparência, que, por sua vez, é entendida pelos sujeitos como sinais profundos do que eles são (SENETT, 1988). Essa imagem é o que desperta o desejo, o valor (FONTENELLE, 2005) e a fantasia é que vai sustentar essa realidade construída (SAFATLE, 2003).

Existe ainda outro elemento estruturador dessa dinâmica. Junto com o eu ideal, o ideal do eu e o superego, há o que Lacan chama de lei do desejo (ŽIŽEK, 2010). É essa lei que vai obrigar o sujeito a fantasiar e, conseqüentemente, gozar (LACAN, 1998). Essa lei diz para seguir os desejos, correndo o risco de ser punido pelo superego caso esse desejo não seja perseguido (ŽIŽEK, 2010).

Davidson (2012) mostra como a fantasia age em um contexto social mais complexo. Em seu estudo, o autor questiona a impossibilidade de existir uma cidade sustentável com altos níveis de consumo. O paradoxo seria conciliado psicologicamente pela ação da fantasia. Os inconvenientes de uma lógica de mercado destrutiva seriam transformados em uma esperança fantasiosa de produção sustentável. Caso contrário, seria um martírio para os habitantes de uma metrópole conviver com a certeza de um final desastroso.

Em grandes festas como a Folia do Papangu, discursos sustentam realidades responsáveis pelo estado de prazer existente nesses eventos. Há a construção de um mundo mágico que faz os consumidores regozijarem e esquecerem mecanismos de controle. O capital utiliza elementos especiais para levar as pessoas ao consumo, aumentando os lucros e se esquivando desse mérito (ŽIŽEK, 2011).

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo se configura como pesquisa qualitativa básica, porque descreve, interpreta e identifica padrões sobre determinado fenômeno (MERRIAM, 1998). Trata-se também de uma pesquisa com influência pós-estruturalista, pois questiona verdades fixadas historicamente (WYLIE, 2006).

A análise discurso foucaultiana foi utilizada para identificar as condições de existência do que é tido como verdade no universo das construções simbólicas dos discursos (FOUCAULT, 2009).

A análise do discurso se deu conforme quatro conceitos indicados por Foucault (2009). Em um primeiro momento o foco foi nos enunciados, fragmentos concretos de saberes existentes no discurso que sinalizam para repetições e rupturas discursivas. Em seguida veio a compreensão das funções enunciativas, que são ações relacionadas a um domínio associado de saberes e que se originam pela observação dos enunciados. Em uma terceira fase, com o resultado acumulado dos achados sobre enunciados e funções, foram identificados os critérios de formações discursivas a partir dos seus quatro elementos: objeto, modalidade, conceito e estratégia. Esses elementos que compõem essa formação são o objeto, que trata o discurso em suas rupturas e regularidades; a modalidade, que é de onde vem o discurso; o conceito é o *ethos* que dá corpo ao discurso; e, por fim, a estratégia, a qual se mostra por dar uma finalidade a formação discursiva. Em uma etapa final foi possível visualizar a formação discursiva, que diz respeito a um complexo de regularidade que fazem saberes tornarem-se verdades.

O *corpus* foi construído com busca discursiva de pistas do fenômeno estudado, considerando o momento histórico específico em questão. Foram utilizados quatro tipos de dados: observação participante, entrevistas etnográficas, registros fotográficos e matérias disponíveis na internet. A multiplicidade de fontes de dados permite uma análise mais completa (DE SORDI; TASHISAWA, 2013), ainda mais em um tipo de análise que busca tecer relações convergentes e divergentes de significados (COSTA; LEÃO, 2011). As fontes não-verbais se mostram como pertinentes porque o discurso engloba “acontecimentos que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2009).

Os dados primários foram coletados durante os carnavais de 2013 e 2014. No primeiro ano foram registradas 244 fotografias, cujas imagens revelam desde o ambiente da festa (e.g., decoração e estrutura de palcos) até as atividades dos foliões (e.g., fantasias, consumo, modo de agir na festa). Na oportunidade, também foram feitos registros de campo de observação participante, o que se repetiu no segundo ano. Nesta oportunidade (em 2014) 41 entrevistas etnográficas foram feitas com foliões abordados no meio da festa e registradas com um gravador de áudio. Depois do segundo período de coleta *in loco*, foram coletadas 122 matérias sobre o trato da festa pela Empresa Pernambucana de Turismo (EMPETUR), a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), o Governo do Estado de Pernambuco, a Prefeitura de Bezerros e Secretaria de Turismo de Pernambuco.

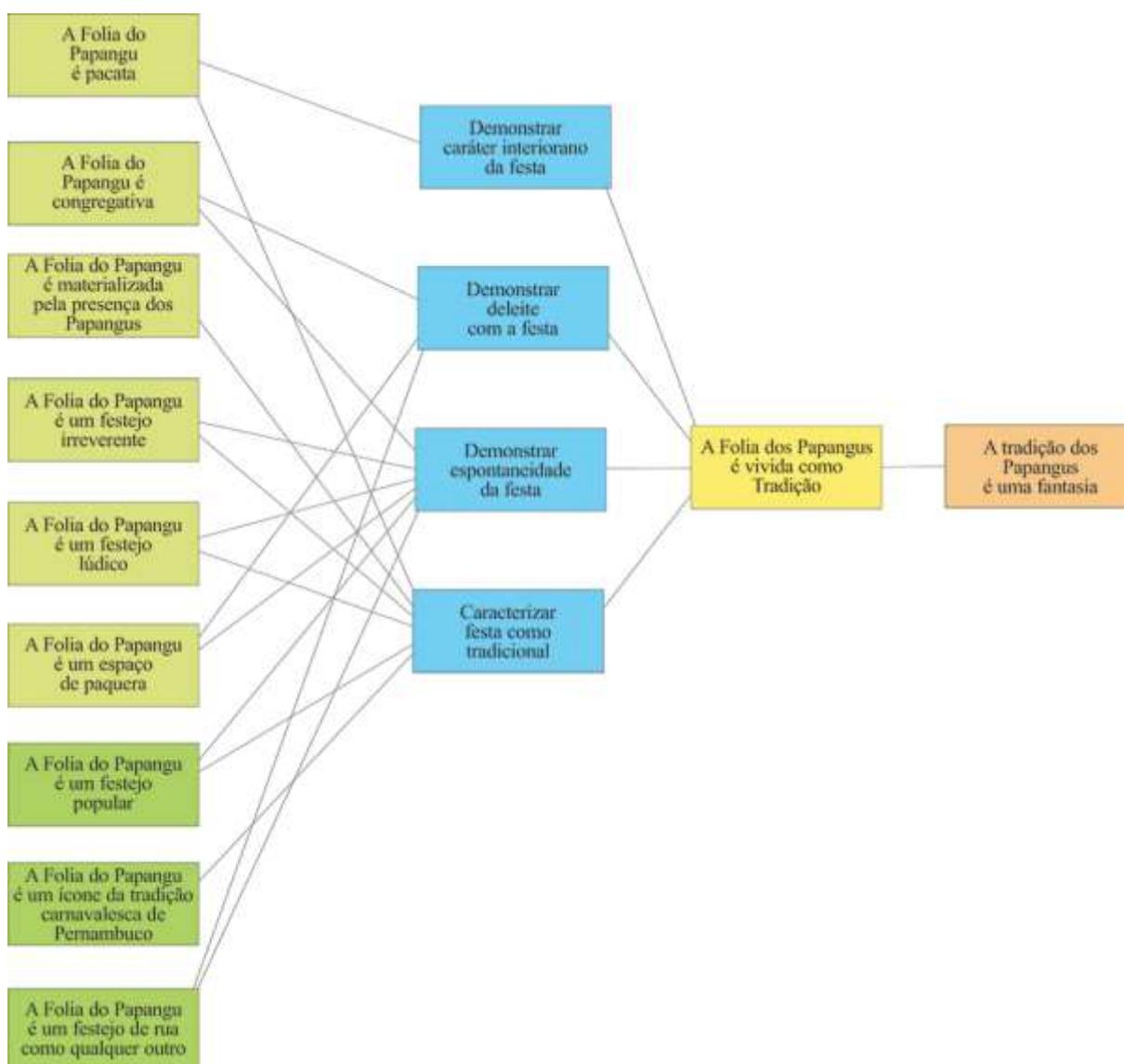
A qualidade da pesquisa procurou ser garantida através de procedimentos de triangulação, reflexividade, construção do *corpus* de pesquisa e descrição rica e detalhada dos achados (PAIVA et al., 2011).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 A formação discursiva A Tradição dos Papangus é uma fantasia

Como resultado da pesquisa foi encontrada a formação discursiva **A Tradição dos Papangus é uma fantasia**. Para tanto, foi preciso percorrer os passos da análise do discurso foucaultiana: entendimento dos enunciados (em verde), depois das funções enunciativas (em azul), da regra (amarelo), os critérios dessa regra e, por fim, a própria formação (vermelho). **A Figura 1** mostra o feixe desses elementos discursivos entrelaçados.

Figura 1 – Mapa da formação discursiva



Fonte: próprio autor

A primeira etapa desse processo se deu na identificação dos enunciados. Eles estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1 – Lista de enunciados

Enunciado	Descrição
A Folia do Papangu é pacata	Enuncia-se que a festa é um espaço de folia moderado, adequado para uma experiência sem grandes preocupações. Nos dados há indícios de que na festa não há brigas, não há confusão, é segura e conta com policiamento.

A Folia do Papangu é congregativa	Neste enunciado, a festa agrega pessoas através de brincadeiras, companhia e solidariedade. Empiricamente aparece nas brincadeiras entre foliões, sejam eles turistas, moradores ou Papangus; nos grupos de amigos que se fantasiam juntos ou simplesmente andam juntos pela cidade; nas multidões que formam o brincar coletivo; na ajuda que alguns dão aos outros para superar eventuais problemas na festa.
A Folia do Papangu é materializada pela presença dos Papangus	A enunciação aqui é a de que a festa faz do Papangu um elemento basilar e central para a festa. Este enunciado se mostra nos dados pelas afirmações dos foliões de que os Papangus são a causa e o motivo da festa; nas notícias que falam de Bezerros como “Terra do Papangu”, nos próprios Papangus espalhados pela cidade e outros elementos derivados deles que são as atrações do carnaval.
A Folia do Papangu é um festejo irreverente	A enunciação aqui é de que a festa descontraí, relaxa e provoca. Esse enunciado aparece nos dados quando se notam as pessoas vestidas com fantasias bem-humoradas e um romper de regras.
A Folia do Papangu é um festejo lúdico	O enunciado é composto por práticas tais como o folião mostrar seu encantamento como a festa falando de uma certa magia que existe nas atividades festivas; na irreverência das brincadeiras, na tranquilidade do lugar, na própria estética da festa; pode-se ver ainda as brincadeiras dos Papangus que levam surpresas, provocações e criatividade nos seus jogos lúdicos com os demais.
A Folia do Papangu é um espaço de paquera	O enunciado pronuncia que a festa é um ambiente propício para práticas eróticas. Esse enunciado é notado quando os foliões mostram o uso que fazem da festa na forma de um lugar onde se pode conhecer novas pessoas e procurar relacionamentos; vê-se danças a dois, seja entre foliões ou entre Papangus e foliões; também é possível notar os casais brincando e realizando práticas afetivas.
A Folia do Papangu é um festejo popular	O enunciado pronuncia que a festa é fruto da participação dos espectadores e não só daqueles que organizam a festa. Esse enunciado fica evidente com a participação das famílias, seja nos camarotes feitos nas casas, seja no chão junto com o grande grupo de foliões; com os grupos que juntos criam uma dinâmica coletiva; com a participação de idosos e crianças na festa; com o carnaval sem cordas que permite a participação de todos.
A Folia do Papangu é um ícone da tradição carnavalesca de Pernambuco	A enunciação é de que a festa é um foco de elementos do carnaval pernambucano e também traz o prestígio de ser uma festa importante para a região. Esse enunciado se mostra quando se vê os maracatus, as alfaias, os estandartes, os blocos, as orquestras de frevo, as bandas de ritmos regionais, as fantasias de figuras históricas da região (como Lampião), a bandeira de Pernambuco e diversos outros elementos característicos do carnaval e da cultura pernambucana que estão presentes na Folia do Papangu, além da notoriedade de ser um carnaval importante em Pernambuco.

A Folia do Papangu é um festejo de rua como qualquer outro	Enuncia-se que a festa é apenas uma festa, sem necessidade de comportamentos especiais. Aqui o enunciado fica evidente quando a festa é vista como um lugar para diversão independente de qual diversão seja, como a visão simplista de que a Folia do Papangu é um lugar para sair e se divertir, com os elementos estéticos variados encontrados na festa dão a ideia de que é um lugar comum, onde não necessariamente é preciso estar caracterizado de acordo com alguma referência da histórica local.
------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: próprio autor

Grupos de enunciados então apontam para certas funções do discurso, que são as funções enunciativas. Seus nomes e descrições são apresentadas na Tabela 2 de maneira análoga aos enunciados.

24

Tabela 2 – Lista de funções enunciativas

Função	Descrição
Demonstrar caráter interiorano da festa	Essa função demonstra a tranquilidade que permeia a festa. Nos dados é possível notá-la através dos relatos dos foliões satisfeitos com a paz, a polidez e a segurança que a infraestrutura da festa e as pessoas brincantes tornam possíveis.
Demonstrar deleite com a festa	Essa função demonstra o contentamento daqueles que experimentam o carnaval de Bezerros. No corpus fica evidente por meio das reações e relatos de como a festa gera sensações agradáveis relacionadas a outras pessoas e suas atrações.
Demonstrar a espontaneidade da festa	Essa função traz ao discurso a ideia de que a festa é algo espontâneo, fruto puramente das relações sociais existentes no evento. Nos dados é possível enxergá-la nas descrições dos foliões de como está sendo sua experiência da festa, o que é evidenciado por um viés humanista, afetivo, fraterno e lúdico.
Caracterizar festa como tradicional	Essa função mostra a festa como se fosse o fruto de uma tradição histórica, algo típico da região onde se localiza. Nos dados ela se mostra na visão romântica dos foliões e na imagem construída pela mídia para atrair turistas.

Fonte: próprio autor

A partir do entrelaçamento do enunciados e funções enunciativas foi possível chegar ao entendimento da regra **A Folia do Papangu é vivida como tradição**. Essa regra pode ser entendida através dos critérios apontados por Foucault (2009) que são: objeto, modalidade, conceito e estratégia. Esses critérios são descritos nos parágrafos seguintes.

O objeto é o **Caráter popular** a que esses entes se referem, delimitam e reinventam ao longo do discurso. Esse objeto trata de algo espontâneo, do qual se originam diversas outras manifestações consideradas como típicas da região e das pessoas ali reunidas. A mídia também fala desse caráter popular. Ela mostra em seus textos isso na forma de atrações, ou como a riqueza que é administrada pelos organizadores do carnaval. Assim o carnaval de Bezerros se torna um espetáculo da tradição popular que atrai turistas e é protegida pelas ações do governo.

A voz e as circunstâncias de onde parte a enunciação dessa regra nos leva a modalidade chamada de **Tradicionalismo**. Tanto por parte da mídia quanto dos próprios foliões, os enunciados emergem de um estado de viver a tradição. É então que se nota as

peessoas se referindo a festa como um lugar histórico, uma festa que passa de pai para filho, um lugar onde o modo de viver caracteristicamente tranquilo do interior está presente. As notícias da mídia também fazem parte dessa construção. Ela sinaliza para uma festa na qual as atrações são históricas, onde milhares de turistas se reúnem há anos, onde as pessoas se divertem com uma manifestação tradicionalmente popular.

Os enunciados então se conectam em uma trama, em um jogo que aponta para o conceito que foi chamado de **Festividade**. A própria Tradição e o Caráter Popular fazem sentido nesse discurso quando entendidos como orientadores do jogo que dá contornos a ideia de festa. Os elementos culturais da região são notados pelos foliões e sua presença ou falta caracterizam a Folia do Papangu como uma festa mais ou menos interessante. As pessoas se vestem para a festa, se juntam para a festa. Assim todos os enunciados dessa regra se relacionam e mostram como a festa é um sistema de articulação discursivo.

O discurso como desejo que busca realizar foi entendido na estratégia **Experimentar a tradição**. A construção da festa como tradição é feita para os foliões de fato experimentam-na. Os enunciados mostram como essa tradição é composta pela irreverência, pelas fotos, o consumo, a congregação, os elementos culturais de Bezerros, a paquera e as brincadeiras. Tudo isso objetiva construir essa ideia de tradição e permitir que os foliões a experimentem.

A partir de enunciados, funções enunciativas e da regra e seus critérios foi possível chegar ao entendimento da formação discursiva que chamamos de **A Tradição do Papangu é uma fantasia**. A formação parte do conceito Žižekiano de fantasia e entende que o discurso da Folia do Papangu sustenta a ideia de tradição. A tradição não é só inventada com construída e institui uma realidade fantasiosa adequada para a fruição da festa. Essa realidade faz com que os sujeitos envolvidos vejam a Folia do Papangu como algo típico da região e com base na história do local, algo natural dos bezerrenses e que surge espontaneamente, que flui a partir de práticas populares.

## 5.2 Demonstração empírica da formação discursiva A Tradição dos Papangus é uma fantasia

A partir de agora será exposta a analítica por meio de dados empíricos que deram as pistas para a construção da formação discursiva **A Tradição dos Papangus é uma fantasia**. Como os dados empíricos foram numerosos demais para o espaço de um artigo, essa seção segue uma estratégia de texto específica. Optamos por demonstrar os dados mais relevantes a partir dos quatro critérios de regra porque dão uma visão global dos dados. Além disso, os enunciados e as funções são por demais numerosas para serem evidenciadas uma a uma. Sendo assim, a exibição agora é das evidências empíricas das regras objeto, modalidade, conceito e estratégia.

O objeto chamado de **Caráter popular** se refere à tradição como algo que emerge do povo de maneira natural. Nos dados, um entrevistado revela essa dimensão do discurso ao relatar sua experiência no carnaval dos Papangus como algo importante devido a participação popular:

Entrevistador: *E por que que tu tá aqui no carnaval de Bezerros?*

Entrevistado: *Olhe, se tem uma das coisas que eu adoro em Pernambuco é o carnaval popular. Popular no sentido de não ter corda, eu uso uma camisa, eu posso ter uma condição de pagar, mas é o espetáculo, poxa, as pessoas são criativas demais, são leves demais, não vê briga, empurrão, “desculpa aí, desculpa aqui”, no interior, isso é uma maravilha, poxa.*

Entrevistador: *E assim, o que tu acha dos Papangus?*

Entrevistado: *Ah! A criatividade. Criatividade é espetacular. Os caras gastam,*

*investem, pra dizer assim, eu quero tá na festa, “vamo tirar uma foto?”, para pra tirar uma foto e a foto é uma maravilha, eles deixam, é ótimo.*

A Figura 2 também ilustra o objeto em questão. Nela vemos um folião levando um guarda-sol e algumas pessoas seguindo a sombra do objeto espontaneamente:



**Figura 2 – Foliões em torno do guarda-sol**  
**Fonte: próprio autor**

A Figura 3 mostra o objeto Caráter Popular por meio de imagem de duas foliãs que criaram suas fantasias por si mesmas para brincar na festa acompanhando o que muitos fazem na multidão:



**Figura 3 – Foliões com fantasias feitas por elas mesmas**

**Fonte: próprio autor**

Já a modalidade chamada de **Tradicionalismo** se refere a um modo de vivenciar a tradição, fazendo referência a aspectos que se repetem com o tempo e caracterizam a festa e o seu entorno. Uma das entrevistas etnográficas mostra como um folião tem como ponto de referência para sua atividade festiva a tradição, a ideia de que a festa toma certas formas devido a práticas tradicionais:

Entrevistador: *E por que que tu veio fantasiado de Papangu pra festa?*

Entrevistado: *A tradição de Bezerros... Muitos anos, muitos, muitos anos, há muitos anos eu saio de Papangu, e a atração de Bezerros é o Papangu. De fora, o povo perguntar onde fica bezerros, é a terra do papangu. Muito conhecido pelo Brasil a fora.*

A figura 4 mostra o Papangu brincando em meio das pessoas, como parte e motivo central da festa:



**Figura 4 – Papangu brinca em meio às pessoas**  
**Fonte: próprio autor**

A figura 5 também ilustra o apego à tradição com a imagem da decoração do corredor da folia tendo a máscara de um Papangu em destaque:



**Figura 5 – Decoração com Papangu em destaque**  
**Fonte: próprio autor**

**Festividade** é como foi chamado o conceito que emerge dos dados. Os elementos dispersos nas práticas e no contexto ganham sentido quando pensadas em termos da festividade que a orienta. A Figura 5 mostra uma das esquinas de maior concentração de

peças da festa. Lá se encontram as pessoas nas ruas históricas por onde passam os blocos além da grande quantidade de pessoas que caracterizam a festividade. É uma amostra do clima de folia e descontração que dão o sentido ao que está ali presente na época carnavalesca.



**Figura 5 – Movimentação na Folia do Papangu**  
**Fonte: próprio autor**

A figura 6 evidencia o aspecto festivo do carnaval por meio de duas pessoas dançando como se fosse uma de forró ou as próprias canções carnavalescas de frevo:



**Figura 6 – Folião e Papangu dançam**  
**Fonte: próprio autor**

A estratégia do discurso foi intitulada pelo termo **Experimentar a tradição**. Se o conceito dá sentido, a estratégia aponta para um objetivo, uma função dos elementos que orbitam a Folia do Papangu. O trecho que segue mostra um folião nesse momento de experimento da fantasia da tradição, na qual o contato com o povo se mostra como evidência da suposta essência dessa folia:

Entrevistador: *Tu conhece assim alguma coisa da história dos Papangus?*

Entrevistado: *Muito pouco, apesar de eu ser filósofo, mas que busca, a gente bebe um pouquinho mais, esquece, mas o que eu gosto é desse cheiro de gente, circular na rua, as pessoas vem, é de classe de tudo quanto é jeito, bem vestida, de estética mal vestida, o que for, a festa do carnaval, alegria.*

30

A figura 7 mostra uma das maneiras de experimentar a festa que é fazendo um registro da festa junto a um Papangu:



**Figura 7 – Foliões tiram foto com Papangu**  
**Fonte: próprio autor**

A figura 8 evidencia um outro formato de experiência da festa que é fantasia de Papangu mas também mostra, ao fundo, várias máscaras de Papangu prontas para serem vendidas e servirem para algum folião brincar:



**Figura 8 – Crianças fantasiadas de Papangu e venda de máscaras ao fundo**  
**Fonte: próprio autor**

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação inicial da pesquisa veio de visão de que, por um lado, a Folia do Papangu era percebida com uma beleza ainda não compreendida e, por outro ângulo, possuía uma organização implícita. Parte disso advinha de uma visão romântica de cultura (CANCLINI, 1983), uma festa que refletia uma manifestação cultural histórica e autêntica. A fantasia encontrada tem aspectos desse apelo romântico: o povo se divertindo de uma maneira espontânea, o Papangu como espírito de uma tradição. Essa percepção da festa não pode ser considerada como de todo inexistente, uma vez que a fantasia é realidade para quem a experimenta, além de ser construída para criar esse efeito.

Ela pode ser vista através da lente teórica de tradição inventada. A Folia do Papangu acontece sempre na época carnavalesca, traz o Papangu, os blocos e assim por diante. Esses elementos fazem parte da cultura da região, não só o Papangu mas o tradicional modo de vida tranquilo da cidade caracteriza a festa. No evento, esses elementos se mostram ainda mais característicos, se tornam marcas da festa e ajudam a criar a fantasia da tradição da Folia do Papangu. Essa fantasia, como foi visto, não é articulada de maneira aleatória, mas conectada com o controle do gozo que permite a atração de turistas, a movimentação da economia local e a própria estruturação da festa.

Uma dissonância em relação ao referencial teórico e as conclusões seria entre o que considera Rolando (2000) e a fantasia como foi revelada. O autor atenta para o fato de que os turistas questionam a legitimidade daquilo que é posto como produto cultural. No entanto, quando se considera a noção de fantasia, isso não é notado. A fantasia como ela é demonstrada nessa pesquisa estrutura a própria realidade, tornando aquilo que é contrário a gozo, ou a ideia de tradição, seja assimilado pela fantasia de modo que não a desarranje. Apesar de sólida, ela é percebida como farsa, mas cinicamente acreditada. Então essa percepção de que os consumidores de produtos culturais questionam a legitimidade vai de encontro ao interesse deles de desacreditar de fato na tradição.

A pesquisa apresenta limitações. A falta de registros históricos tornou-se um problema, uma vez que o carnaval de Bezerros tem origens muito antigas e dispersas, não

tendo as pessoas no seu início histórico o hábito de registrar sua história. Muitas dessas informações estão com as pessoas que viveram essa festa há muito tempo atrás e não se há notícias de muitos deles. Argumenta-se, porém, que os dados coletados são diversos, consistentes e dizem respeito a um momento relevante na experiência da tradição.

Novas perguntas emergem. Seria a criação fantasiosa algo benéfico para a cultura de uma região? A realidade fantasmática social se mostra como uma criação coletiva e espontânea, no entanto a medida em que ela é utilizada para fins econômicos por entidades governamentais ela pode ser problematizada com mais profundidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), pela concessão da bolsa que deu condições para essa pesquisa ser realizada.

## REFERÊNCIAS

AKHOONDNEJAD, Arman. **Tourist loyalty to a local cultural event: The case of Turkmen handicrafts festival.** *Tourism Management*, v. 52, p. 468-477, 2016.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Qualitative researching with text, image and sound: A practical handbook for social research.** Sage, 2000.

BÖHM, S; BATTA, A. Just doing it: enjoying commodity fetishism with Lacan. **Organization**, v. 17, n. 3, p. 345-361, 2010.

BÖHM, Steffen; DE COCK, Christian. Everything you wanted to know about organization theory... but were afraid to ask Slavoj Žižek. **The Sociological Review**, v. 53, n. s1, p. 279-291, 2005

BRAYNER, P. **Papangu, mascarado, bloco carnavalesco e brincadeiras.** Monografia de especialização em História de Pernambuco. Orientador Antônio Paulo Rezende Recife: UFPE, 1997.

BUDELMANN, F.; HAUBOLD, J. **Reception and tradition.** Oxford, 2008.

CANCLINI, Néstor García; COELHO, Cláudio Novaes Pinto. **As culturas populares no capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

COSTA, F. Z. N.; GERRA, J. R. F.; LEÃO, A. L. M. S. O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidade de pesquisa no Campo da Administração. In: III ENEPQ. **Anais...** João Pessoa: 2011.

DE SORDI, J.; TASHISAWA, T. Introdução da Tecnologia de Repositório Institucional: oportunidade para repensar aspectos de qualidade da pesquisa científica. **REUNA**, v. 18, n. 1, p. 73-88, 2013.

DEWAAL, J. The Reinvention of Tradition: Form, Meaning, and Local Identity in Modern Cologne Carnival. **Central European History**, v. 46, n. 03, p. 495-532, 2013.

FOLIA DO PAPANGU. Disponível em: <<http://foliadopapangu2014.com/>>. Acesso em:

20 de fev, 2014

FONTENELLE, I. A. O trabalho da ilusão: produção, consumo e subjetividade na sociedade contemporânea. **Interações**, v. 10, n. 19, p. 63-86, 2005

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FROEHLICH, J. M. O “local” na atribuição de sentido ao desenvolvimento. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 94, p. 87-96, 2011.

GROSSMAN, Lev. The quest for cool. **Time**, v. 8, p. 2-6, 2003.

HIBBERT, P.; HUXHAM, C. The past in play: Tradition in the structures of collaboration. **Organization Studies**, v. 31, n. 5, p. 525-554, 2010.

HOBBSAWM, E. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LACAN, J. Seminário XX–Mais, Ainda–Jorge Zahar Editor. **Rio de Janeiro**, 1998.

LACAN, J. **O seminário: livro 7: ética da psicanálise 1959-1960**. Jorge Zahar, 1997.

LIGHT, D. Dracula tourism in Romania Cultural identity and the state. **Annals of tourism research**, v. 34, n. 3, p. 746-765, 2007.

LÓSSIO, Rúbia; PEREIRA, Cesar. **História e estórias do carnaval em Pernambuco**. 2008. <disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro\\_338 -  
\\_historias\\_e\\_estorias.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/micro_338_-_historias_e_estorias.pdf)>

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MERRIAM, Sharan B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. Revised and Expanded from " Case Study Research in Education.". Jossey-Bass Publishers, 1998.

ORTIZ, Renato. Cultura e desenvolvimento. **Políticas culturais em revista**, v. 1, n. 1, 2008.

PAIVA JR., F. G.; LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B. Validade e confiabilidade na pesquisa qualitativa em Administração. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13, n. 31, p. 190-209, 2011.

POLI, Maria Cristina. Perversão da cultura, neurose do laço social. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 7, n. 1, p. 39-54, 2004.

RAMOS, E. M.; MACIEL, B. **O híbrido papangu, do sagrado ao profano**, uma possível herança do bumba-meu-boi. I Prêmio de Folkcomunicação Câmara Cascudo. 2008.

RAMOS, E.; MACIEL, B.; . Papangus como ferramenta folkcomunicacional do turismo

em Bezerros (PE). **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 7, n. 13, 2009.

SANSONE, L. Os objetos da identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e criação de culturas negras no Brasil. **Mana**, v. 6, n. 1, p. 87-119, 2000.

SCHOFIELD, Peter; THOMPSON, Karen. **Visitor motivation, satisfaction and behavioural intention: the 2005 Naadam Festival, Ulaanbaatar**. *International journal of tourism research*, v. 9, n. 5, p. 329-344, 2007.

THIMM, Tatjana. **The Flamenco Factor in Destination Marketing: Interdependencies of Creative Industries and Tourism—the Case of Seville**. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, v. 31, n. 5, p. 576-588, 2014.

WYLIE, John W. Poststructuralist theories, critical methods and experimentation. **Approaches to Human Geography**. Sage, London, p. 298-310, 2006.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 615 p.

ZAWILIŃSKA, B. Landscape Parks and the Development of Tourism in the Protected Areas of the Polish Carpathians. In: **The Carpathians: Integrating Nature and Society Towards Sustainability**. Springer Berlin Heidelberg, 2013

ŽIŽEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. Boitempo Editorial, 2011.

ŽIŽEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 9, 1996.

ŽIŽEK, S. **Como ler Lacan**. Zahar, 2010.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bemvindo ao deserto do Real!**. Boitempo Editorial, 2006.

ŽIŽEK, Slavoj; DALY, Glyn. **Conversations with Žižek**. Cambridge: Polity, 2004.

***Tradition as market fantasy: studying ideology as a orientation to consumption at Folia do Papangu***

**Abstract:** Folia do Papangu is carnival event wich brings turists to Bezerros, a small city in Pernambuco. This feast is well known by tourists and organizers as an experience with the local tradition. Our investigation shows the idea of tradition is a social construction made by organizations and consumers. The aim of this article was to analyze how this tradition was built to promote the event. Two concepts were useful in this discussion: Eric Hobsbawm's invented tradition and Slavoj Žižek's ideological fantasy. Foucaldian discourse analysis was used to explore data from ethnographic interviews, photographs, field notes and documents. As conclusion this articles states that the Papangu tradition is an ideological fantasy which emerges from the interactions between the agents involved. This ideological action has organizational functions – it gives sense and shape to both management and fruition.

**Keywords:** *Tradition, Ideological Fantasy, Carnival.*

Artigo recebido em 07/07/2017. Aceito para publicação em 11/12/2017.